

Prólogo

Olá, hoje estou aqui para contar a vocês uma grande história... Uma história comovente que gosto muito e sempre me emociono ao lembrar... Não, espere. Lembrar causa a sensação de que aconteceu há muito, muito tempo e isso não é verdade.

A história que tentarei contar, com a ajuda de algumas pessoas que por minha existência passaram, sem saber que eu os observava, é simples. Poderia acontecer com qualquer um, mas aconteceu com uma garota que não tinha esperanças. Uma ingrata, posso assim dizer... Na verdade, às vezes, até acredito que ela não tinha culpa de ser como era, pois sofreu muito no decorrer de sua trajetória, mas prefiro pensar nesse sofrimento como uma forma de aprendizado. Era necessário para mostrar a ela que nada na vida acontece por acaso.

Quero deixar claro que eu não contarei toda a história sozinho, pois me sinto cansado a maior parte do tempo, tenho tantas coisas que dependem de mim para se concretizar e minha mente deixa a desejar em muitos momentos. Eu poderia omitir detalhes cruciais simplesmente pelo fato de não me lembrar e isso não seria interessante... Não, não seria. Por isso, por favor, não se assuste caso eu pare de lhes contar e deixe esses meus amigos prosseguirem com suas próprias versões. Eles presenciaram tudo tanto quanto eu. Na verdade, eles estavam lá. Eles viveram esta história!

Podem me perguntar como isso é possível, mas peço-lhes perdão, eu não posso me revelar... Não posso dizer quem sou eu e porque eu sei tudo o que aconteceu a cada um com tantos detalhes. Portanto, pensem em mim como... Não sei, um bom espião que tudo sabe.

Eu sempre estive ali. Até quis ajudar em momentos difíceis, mas eu não posso simplesmente interferir no curso das coisas, portanto, limito-me a observar e relatar o que vejo. Muitas vezes, tenho vontade de agir, até dou algumas opiniões, mas nada exagerado, pois essa não é minha intenção.

Então, falemos sobre minha intenção. Pensam que sou louco, talvez, mas o real propósito de lhes contar esta história é lhes ensinar alguma coisa sobre vocês mesmos. Não entenderam?

Pensem, após terminar de ler os meus breves relatos, sobre suas próprias vidas. Complicadas, não? Digam-me, quantas vezes reclamaram que tudo estava ruim, quantas

vezes perderam a esperança de que algo bom pudesse lhes dar um novo rumo... Quantas vezes? Creio que não poderiam me dizer com exatidão, não, é claro que não. Eu sei.

Eu poderia fazer um relato da vida de cada um, com minúcias que vocês mesmos já se esqueceram, mesmo que eu tenha declarado que minha mente anda me desapontando. Ainda assim, seriam relatos mais bem elaborados que os seus, pois eu observo cada coisa que fazem. Nem sempre é interessante, confesso, e muitas vezes já tentei ajudá-los, mas estão geralmente contra mim... Para não dizer sempre!

Por isso, resolvi me apoderar da história desta garota, ela estava sempre me deixando de lado, dizendo coisas terríveis ao meu respeito, coisas que devo deixar bem claro: são falsas! Ela acreditava que eu a havia abandonado, mas não, eu só estava esperando pelo momento certo para fazê-la acreditar em mim, pois, como eu disse, nada acontece por acaso. Eu sempre tenho um propósito, mas como também já expliquei, não posso interferir drasticamente, pois lhes dei o livre arbítrio e muitas vezes vocês colhem o que plantaram. Eu simplesmente não posso fazer nada para mudar suas escolhas.

Olha só... Interessante! Encontrei mais um motivo para justificar a minha ideia de deixá-los lhes contar o que se passou, assim, vocês pode perceber que não sou eu quem manipula as coisas. São eles! Assim, serão capazes de ver que eu falo a verdade, pois estarão invadindo a mente deles e poderão experimentar um pouquinho do que eu passo todos os dias. Pensam que é fácil saber de tudo? Não, não é. Exige muito de mim e acho que é por isso que me sinto tão cansado. Acreditem, são muitas vozes ecoando ao mesmo tempo... Mas não irei me estender! Não estou aqui para falar de mim. Desculpem-me, acho que já falei demais! É que eu me empolgo, pois nunca tenho com quem desabafar... Ah, sim, a história! Vamos, apressemo-nos, pois é uma grande história e eu não tenho tanto tempo livre para continuar nossa interessante conversa!

1

Apresento-lhes Elvira

“O amor é o maior de todos os sentimentos... A vida não é maior que a morte, e nem a morte maior que a vida. O amor supera os dois!”

Elvira estava para completar dezoito anos e, então, teria que se mudar do orfanato, mas não tinha para onde ir. A jovem era triste, fria e parecia sempre estar de luto. Sua aparência era a de uma bela rosa desabrochando, um ser encantador, mas suas maneiras eram de alguém já cansado de viver.

Ela foi abandonada quando era apenas um bebê e cresceu naquele orfanato. As mães gostavam muito dela e sempre a trataram bem, mas o vazio, a falta dos pais, era grande. Seu sonho era amar. Amar alguém de verdade, de uma maneira que se entregasse por inteira e que essa pessoa não se importasse com seu triste passado, mas até agora não tinha encontrado esse ser merecedor de seu amor.

Ela sempre foi diferente das outras meninas, tanto na maneira de pensar quanto de se vestir. Só usava roupas pretas e quase nunca a viam sob a luz do sol e, por causa disso, era branca como uma flor de lótus. Sua pele pálida dava a impressão de que era uma morta-viva, exceto pelos lábios que ela sempre pintava de vermelho sangue. Ouvia músicas melancólicas e quase não falava, pois achava isso desnecessário. Se não fosse por sua beleza fora do comum, nunca seria notada por alguém.

— Elvira, menina, até que enfim eu te achei! — Disse a mulher, ofegante.

— O que houve, madre Anitta? — Perguntou ela de forma calma, dobrando uma toalha com todo o cuidado do mundo.

— O padre Régis quer vê-la! — Respondeu a mulher, ajeitando as vestes, pois realmente parecia cansada, talvez por ter procurado a jovem por toda a parte.

— Bom, vou terminar de arrumar essas toalhas e já irei — Disse Elvira sem emoção alguma na voz, como se a presença da mulher lhe fosse indiferente.

A mãe, mesmo cansada, olhou fixamente para os pulsos de Elvira, havia alguma coisa errada com eles... Novamente!

— O que é isso, menina? — Perguntou ela, puxando o braço da moça com certa brutalidade, mostrando que não estava nem um pouco feliz com o que via.

— Não é nada, madre — Elvira puxou o braço, receosa, abaixou-se para apanhar a toalha que havia caído ao chão e recompôs-se em seguida, aparentemente abalada por ser surpreendida pela madre.

— Cortou os pulsos de novo? — Os olhos inquisidores não desviavam nem um instante da garota, como se esperasse uma boa justificativa para tal.

— Eu tive meus motivos — Mordeu os lábios parecendo um tanto desconcertada, inclinou a cabeça de leve para a direita e soltou um longo suspiro. A madre já havia percebido que estava tentando se esquivar do seu olhar, que Elvira sempre dizia parecer lhe atravessar a alma.

— Pelo amor de Deus, Elvira, tome juízo, menina. Vai acabar se encrencando. Se o padre Régis vir isso, ele não vai gostar nada, nada — Anitta apontava o dedo para Elvira como se ela fosse uma criminosa.

— Ele não vai ver e nem saber, madre, eu estou tentando parar — O tom de Elvira era extremamente persuasivo, como se pedisse para a mulher não comentar nada com o padre. Então, Anitta se aproximou calmamente de maneira maternal e a abraçou, passando as mãos em seus cabelos.

— Ó, minha filha, por que você faz essas loucuras? Por quê? — Afagou-lhe os cabelos com carinho, suspirando fundo. Anitta tinha muito amor por Elvira, desde que esta era apenas uma garotinha, e vê-la cometer aquelas barbaridades era realmente triste para ela.

— Não me julgue, madre — Chiou baixinho, como uma criança desprotegida.

— Não a estou julgando, só quero o seu bem, sempre, meu anjo. — Sussurrou em resposta e, então, soltou-a, mas ainda manteve os olhos pesados sobre ela.

— Eu sei que sim — Olhou para baixo e suspirou novamente e, abraçando-a mais uma vez, a madre a deixou partir, sem dizer mais nada.

Elvira já sabia o que ela pensava a respeito dessas suas atitudes de tantas vezes que já as tinha repetido, por isso Anitta não dizia mais nada, apenas a deixava com a certeza de que estava de olho em tudo o que estava fazendo. Como uma verdadeira mãe.

Depois que terminou de guardar todas as toalhas, foi até o dormitório se preparar para ir ver o padre. Vestiu um vestido mais sóbrio, com mangas compridas para esconder as marcas dos cortes de faca feitos no pulso. Afinal, se o padre as visse, seria um sério problema. Logo,

atravessou o pátio do orfanato rumo à saída. O seminário São José ficava a algumas quadras dali, por isso iria caminhando.

O porteiro já a conhecia e, assim, deixou-a entrar sem delongas. Trilhou pelos corredores conhecidos e, ao chegar à porta da sala de padre Régis, deu três pancadinhas e escutou uma voz baixa vindo lá de dentro mandando-a entrar. Acanhada, girou o trinco com um sorriso curto, dizendo:

— Padre Régis, mandou me chamar? — Fechou a porta com leveza e foi se postar diante do padre, que se encontrava sentado à sua mesa.

— Sim, minha querida, sente-se, por favor — O homem lhe indicou uma cadeira com um sorriso gentil e amável.

— É algo sério, senhor? — Precipitou-se, sentando na cadeira e colocando as mãos nos joelhos.

— É sobre você, querida, está prestes a completar dezoito anos.

— Eu sei, padre — Interrompeu-o, revirando os olhos —, e estou muito preocupada, afinal, não tenho para onde ir...

— Escute, Elvira, querida — Ele sorriu, ajeitando os óculos acima do nariz. — Você tem um passado do qual não conhece quase nada e eu me sinto na obrigação de lhe contar antes que saia do orfanato — Disse com um tom um tanto mais sério, fazendo-a parar de sorrir no mesmo instante. Elvira olhou-o com aqueles olhos assustados de quando era menina e começou a falar, quase que gaguejando:

— Padre... Achei que eu não tivesse um passado. O que o senhor sabe? — Perguntou, nervosa. — O que sabe sobre mim? — De fato era um assunto que a interessava, visto que Elvira sempre quis saber de onde vinha, quem a colocou no mundo e o porquê a haviam abandonado e, naquele momento, as palavras de padre Régis haviam despertado dentro de si um desejo há muito contido, era como se as trevas se enchessem de luz repentinamente. Tão grande era sua ansiedade em saber que se levantou para ter com ele o mais próximo que pudesse, para ver se não estava sonhando, mas ele a conteve, fazendo-a sair daquele transe.

— São coisas graves, sente-se, Elvira — Ele novamente lhe indicou a cadeira com o mesmo sorriso, mas mantendo um semblante sério.

Ela se sentou meio desconfiada, fixando-se ali como um vegetal, seus olhos profundos nem se mexiam. Suas expressões, agora, estavam duras.

— Elvira, há cerca de dezenove anos, um casal muito curioso se mudou para cá. Eles eram um tanto quanto excêntricos. No começo, achamos que estavam de luto por alguma coisa, mas o tempo foi passando e a mulher estava cada vez mais gorda, deduzimos, então, que estava grávida, mas eles não falavam com ninguém. — O padre se endireitou na cadeira antes de prosseguir, pois sentia que aquele assunto poderia durar mais do que desejava. — Mais tarde, começamos a desconfiar que praticassem rituais estranhos, tipo magia negra, mas são comentários e eu nada sei sobre isso, portanto não posso te informar muito a respeito. Apenas sei que muitas pessoas começaram a ter medo deles. Logo depois, a mulher voltou ao corpo magro e esbelto, então soubemos que eram poloneses, porque criaram certo vínculo de amizade com a senhora Cora, a vendedora de bombons, e lhe contaram um pouco sobre sua vida. O sobrenome deles era Pietroviski Cassiodoro.

— Cassiodoro? — Ela assombrou-se estremecendo na cadeira, novamente interrompendo o homem, que não se mostrou nem um pouco impaciente.

— Sim, querida, o seu sobrenome. Certa noite fria e chuvosa, escutei um choro fraco e desesperado. Saí na chuva e procurei a fonte daquele sofrimento. Logo, algo me chamou a atenção, os portões estavam escancarados, acredito que com a chuva forte eles tenham se aberto sozinhos e, num cantinho do portão, parcamente protegida da chuva, eu a vi enrolada em uma manta toda suja. Estava tremendo de frio. Peguei-a e trouxe-a para dentro. Você estava toda ensanguentada, minha filha, e no seu peito havia uma frase escrita à faca — O homem fez uma pausa, como se o que viesse em seguida lhe tirasse o fôlego.

— Então é por isso que tenho essas cicatrizes no seio? — Ela fechou os olhos como se já soubesse a resposta, mas precisava de uma confirmação.

— Sim, a frase dizia: “à nossa filha, vinda de todo o ódio que temos, dedico-lhe seus dezoito anos, destes não passará. A virgem que colocamos no mundo, sua alma nos dará.”

— O que isso significa? — Suas mãos estavam trêmulas e suadas, era como se tudo o que sempre tivesse sonhado estivesse se transformando em realidade, mas de maneira invertida.

— Que eles te abandonaram aqui deixando apenas o seu nome, mas irão voltar para buscá-la e matá-la em um tipo de ritual negro, um sacrifício, Elvira — A voz do homem vacilou por alguns instantes como se não conseguisse mais continuar, virou a cadeira de lado para não fitar o rosto da garota que começava a chorar.

— Meu Deus! Isso é horrível! — Proferiu, tentando limpar as lágrimas que vieram aos olhos.

— Sim, pelos meus conhecimentos, acredito que eles praticavam rituais de adoração aos demônios, mas não posso garantir nada, minha filha.

— Eram... Adoradores do demônio? Eu pensei que esse tipo de coisa já não existisse mais... Que fossem meras lendas! Então por que querem me matar? Se queriam isso, não entendo a razão de terem me abandonado. — Elvira estava indignada, a história de seu passado parecia muito absurda, uma história que até então era um ponto de interrogação na sua vida.

— Eles eram estranhos, eu nunca soube o nome deles, sei o sobrenome porque eles se comunicavam com Cora e sempre se tratavam pelo sobrenome. Todos tinham medo deles, eram tão tenebrosos. Tinham uma beleza incontestável, mas as suas maneiras eram muito bizarras. — Respondeu humildemente o padre, tentando não soar áspero demais. — Penso que sou a pior pessoa para falar sobre isso, Elvira, pois sou um religioso, sei que minha religião tem muitas falhas, mas eu acredito nela e não gosto muito de falar a respeito desses assuntos, pois não quero soar preconceituoso.

— Eu compreendo — Neste instante, Elvira começou a chorar com certa intensidade, os olhos encharcados e vermelhos fitavam o padre como se pedisse uma luz.

— Não chore, Elvira! Eu não quero que nenhum mal lhe aconteça, por isso quero te oferecer um emprego e um cantinho para morar, coisa simples, mas ficaria perto de nós e, estando aqui, poderemos protegê-la. — Disse, sorrindo novamente como se para animá-la.

— Um emprego? E uma moradia? — Perguntou, tentando limpar de novo os olhos, as lágrimas insistiam em rolar livremente por sua face.

— Isso, coisa simples. Um emprego no orfanato e aquele quartinho no fundo do seminário que dá de frente para a rua. Ninguém o usa há anos, mas acho que com uma boa limpeza ficará bem aconchegante.

— Eu aceito! Claro que eu aceito — Disse, emocionada.

De fato, o padre Régis sempre tinha zelado por ela e, agora, estava sendo mais do que um pai, correu para ele abraçando-o com todo o carinho do mundo.

— O senhor é muito bom, padre. Eu o amo, amo muito!

— Só quero te proteger, querida. — Disse ele, retribuindo o abraço da moça. Para ele, Elvira era como uma filha e tinha por ela muito carinho. Sentia-se na obrigação de protegê-la.

— E eu nem sei como agradecer. O senhor sempre me tratou com carinho e isso não tem preço — Sorriu, aninhando-se naquele abraço tão reconfortante.

— Ah, Elvira querida, a vida ainda vai te recompensar por todos os sofrimentos, mas, por enquanto, moçoila, tem que tomar um pouco de sol! Está tão branca.

— Deixa comigo, eu prometo que tomarei um pouco de sol, padre. Mais uma vez agradeço, de verdade, agradeço — Sorriu, sentindo uma paz interior muito grande.

De fato, era muito amada naquele lugar, e não precisar ir embora era a melhor coisa do mundo.

GODOY,L.M Jurada pelas sombras. 1a ed. Praia Grande: Editora Literata, 2014
(DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS A EDITORA LITERATA)